

Quem é o Ser Humano?

Veronica Damasceno. Conteudistas: Agnes Alegria; Marcela Martinez; Ana Christina Vieira; Verusca Reis, Alexandre Medeiros; Marcus Vinícius, Iara Hillen, Maria de Fátima Delgado Lopes.

Introdução

Olá Professor,

A Unidade 10 do material didático propõe uma investigação sobre quem é o ser humano, sobre o que o define como tal. Para isso foram selecionadas quatro épocas da História da Filosofia: Antiguidade Clássica, Idade Média, Idade Moderna e Idade Contemporânea. Há um ponto em comum entre todos esses períodos: a caracterização da Razão como traço essencial do ser humano e que o diferencia dos outros seres. Cada época via essa capacidade intelectual de uma forma distinta, e são estes períodos que estudaremos em cada uma das seções desta Unidade.

O Material do Professor apresenta para a Unidade 10 algumas dicas que podem enriquecer o seu trabalho em sala de aula, ajudando a ampliar a compreensão dos alunos sobre o tema proposto, tornando-os mais aptos a refletir por si mesmos, além de facilitar a apropriação dos conceitos. As atividades aqui sugeridas, podem ser escolhidas a seu critério, ou ainda servir de ideias, deixando-o livre para criar sua própria dinâmica de sala de aula. A intenção é trocarmos sugestões e experiências, a fim de ampliarmos as possibilidades didáticas.

As primeiras atividades sugeridas, chamadas “Atividades de Abertura”, visam trabalhar e orientar as concepções prévias, as noções intuitivas, que cada aluno traz de suas experiências. Todos têm uma ideia do que define um “ser humano”, cabe a você, Professor, saber coletar e organizar essas concepções prévias, facilitando a orientação de seus alunos nas aulas seguintes. Na Seção 1, trabalharemos as concepções de ser humano propostas na Antiguidade Clássica: o Homem como animal Racional, que exerce a Razão para conhecer as verdades que não são imediatamente dadas pelos sentidos. Na Seção 2, veremos como, na Idade Média, ainda atribuindo a Razão o papel de traço definidor da essência humana, o homem era visto como “imagem e semelhança de Deus”, justamente

por possuir a capacidade de pensar. E mais, a Razão humana, por ser o maior dos presentes divinos, seria melhor empregada a serviço da fé, investigando as verdades reveladas nas Escrituras. Na Seção 3, encontraremos o Homem Moderno, aquele que excedeu os limites impostos pela Igreja e estendeu seu campo de investigação a outros campos da natureza e da vida humana; aquele que, certo de possuir a “luz natural da Razão”, por si só seria capaz de alcançar a verdade. Esse homem dominou a natureza e colocou-a a seu serviço, instituiu leis, reformou religiões e encontrou novos meios de produzir. Na Seção 4 encontramos o Homem Contemporâneo resultante de uma História e de um processo histórico, uma subjetividade que pode ser analisada, um homem que não é mais apenas Razão, mas também desejos. Nesta última seção, Professor, vemos o ser humano que cada um de seus alunos é hoje. Por fim, sugerimos algumas dinâmicas de avaliação, onde os alunos poderão retrabalhar as ideias vistas na Unidade.

Esperamos que nossas sugestões e ideias sejam úteis e possam auxiliá-lo nessa difícil tarefa.

Apresentação da unidade do material do aluno

Disciplina	Volume	Módulo	Unidade	Estimativa de aulas para essa unidade
Filosofia	1	1	2	6 aulas de 2 tempos

Título da unidade	Tema
Quem é o Ser Humano?	Explorar as principais concepções filosóficas de “ser humano”, desde a Grécia antiga até a contemporaneidade.
Objetivos da unidade	
Explicitar o modo mitológico de compreensão de ser humano.	
Caracterizar a definição grega de ser humano como animal racional.	
Definir a ideia medieval de ser humano como imagem e semelhança de Deus.	
Assinalar a compreensão moderna de ser humano como subjetividade autônoma.	
Apresentar o ser humano contemporâneo como ser de desejos e ser social.	
Seções	Páginas no material do aluno
A explicação mitológica e o homem como ser racional entre os antigos	267-271
O homem medieval: imagem e semelhança de Deus	271-275
O homem moderno: centro do universo	276-281

O homem contemporâneo: ser social e de desejos	282-285
Conclusão (atividade de Avaliação)	285-287

Recursos e ideias para o Professor

Tipos de Atividades



Quebra-cabeça musical

Relacionar trechos de uma música com temas propostos pelo professor.



Análise de texto literário

Leitura e debate sobre textos literários (poemas, trechos de livros).



Redação sobre texto filosófico

Leitura de fragmento de texto filosófico, interpretação e produção textual.



Análise de imagens.

Observação, comparação e análise das características presentes em uma imagem ou obra de arte.



Análise de Quadrinhos

Leitura e interpretação de histórias em quadrinhos que tenham relação com o tema estudado.



Atividade intersubjetiva.

Trocas de noções intuitivas sobre o tema entre os alunos a fim de adequá-los ao tema abordado.



Atividade Avaliativa

Atividade com fins de avaliar a apropriação dos conceitos estudados.

Atividade inicial				
Tipo de Atividade	Título da Atividade	Descrição sucinta	Divisão da Turma	Tempo estimado
Quebra-cabeça musical	Redescobrir o Ser Humano	A atividade é um convite a pensar a partir de um jogo onde a turma terá de relacionar trechos da música <i>Redescobrir</i> (Gonzaguinha) com temas que serão desenvolvidos na Unidade. .	Grupos de 5 ou 6 alunos	60 min
Análise de texto literário	Descobrir o ser humano	Leitura de trechos selecionados do conto “O Homem Bicentenário” de Isacc Azimov, para, a partir de um debate, construir uma definição intuitiva de ser humano.	Atividade individual.	60 min

Seção 1 – A explicação mitológica e o homem como ser racional entre os antigos.

Tipo de Atividade	Título da Atividade	Descrição sucinta	Divisão da Turma	Tempo estimado
Análise de texto literário	Guia-me só a Razão	Leitura do poema de Fernando Pessoa “Guia-me só a Razão”, refletindo a respeito dessa dimensão do ser humano – a Razão – que nos diferencia dos demais seres existentes.	Turma dividida em pares	50 min
Redação sobre texto filosófico	O sentido filosófico do amor	Leitura do fragmento selecionado de “O Banquete”, de Platão, seguida de redação sobre o tema “De que maneira o amor nos faz passar do sensível ao inteligível, segundo Platão?”.	A atividade pode ser realizada individualmente ou em pares.	90 min

Seção 2 – O homem medieval: imagem e semelhança de Deus

Tipo de Atividade	Título da Atividade	Descrição sucinta	Divisão da Turma	Tempo estimado
Análise de texto filosófico	Razão: a imagem e semelhança de Deus	Leitura e debate sobre fragmentos de texto do Mestre Eckhart (séc.XIII)	Atividade individual	40 min
Análise de texto filosófico	Razão, a máxima perfeição humano	Leitura e debate sobre fragmentos de texto do Cap. IV da Suma Contra os Gentios, de Sto. Tomás de Aquino.	Atividade individual	40 minutos

Seção 3 – O homem moderno: centro do universo

Tipo de Atividade	Título da Atividade	Descrição sucinta	Divisão da Turma	Tempo estimado
Análise de imagens	Interpretando imagens	Comparar as imagens “Christus Pantocrator” (Anônimo; Sicília – séc.XII) e “A Criação de Adão” (Michelangelo; Vaticano – séc. XVI), ilustrativas acerca da “imagem de mundo” medieval e moderna, respectivamente	Turma dividida em grupos de no máximo 5 alunos	30 min
Análise de quadrinhos	A política empírica da modernidade	Ler o trecho do quadrinho com texto da obra “O príncipe”, de Maquiavel, e a citação de uma biografia filosófica sobre o autor, com o objetivo de relacioná-los.	Atividade individual	40 min

Seção 4 – O homem contemporâneo: ser social e de desejos

Tipo de Atividade	Título da Atividade	Descrição sucinta	Divisão da Turma	Tempo estimado
Atividade intersubjetiva	Troca de papéis	Propor uma descrição sobre a visão de mundo do estudante, suas aspirações e desejos, e levá-lo ao questionamento de que sua condição não é natural, mas que é decorrente das suas experiências, sejam essas histórico-sociais (Marx), sejam essas afetivas (Freud).	Atividade Individual	30 min
Atividade intersubjetiva	Mosaico de mim e de nós	Elaboração de um Mosaico a partir de cartões, fotografias, imagens, no qual os estudantes são levados a refletir sobre o sentido histórico-social que influenciou a cada um ser quem é: suas experiências, vivências etc.	Grupos de 5	30 min

Avaliação				
Tipo de Atividade	Título da Atividade	Descrição sucinta	Divisão da Turma	Tempo estimado
Atividades de avaliação	identificação e relação	Propõe-se a cada estudante fazer uma relação entre o que foi visto na Unidade com a letra da música: “Quando Eu Quero Falar Com Deus” (Roberto Carlos).	Atividade individual	50 min
Atividades de avaliação	avaliação	Propõe-se a cada estudante fazer uma relação entre os textos apresentados com a letra da música “Receita Para Se Fazer Um Herói”(Ira).	Atividade individual	50 min

Atividade Inicial



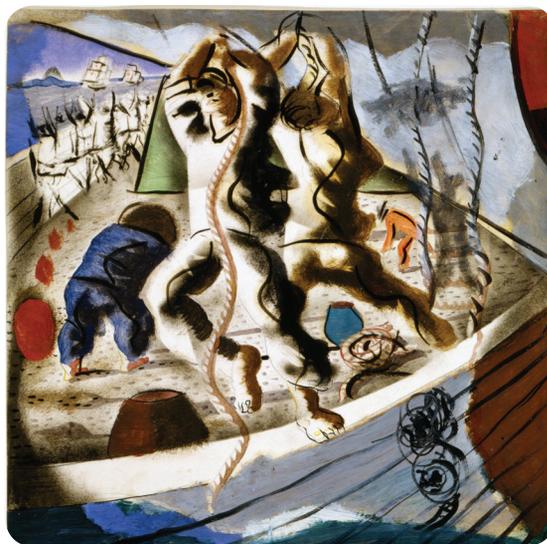
Redescobrir o Ser Humano

Tipo de atividade:

Quebra cabeça filosófico

Material necessário:

- Datashow para exibição do clipe (podendo ser substituído por um gravador ou reproduzidor de MP3).
- Letra da música impressa.
- Exibição da Obra "A descoberta da Terra" (Portinari).



Divisão da turma:

Grupos de 5 ou 6 alunos

Tempo estimado: 60 minutos

Descrição sucinta: A atividade é um convite a pensar a partir de um jogo onde a turma terá que relacionar trechos da música Redescobrir (Gonzaguinha) com temas que serão desenvolvidos na Unidade.

Aspectos operacionais

Etapa 1: Apresentação breve do tema “O que é o ser humano?”, levando os alunos a perceber que eles fazem parte do questionamento geral do tema.

Etapa 2: Apresentação do videoclipe e da letra da música “Redescobrir”, de Gonzaguinha.

Etapa 3: Divisão dos grupos e divisão dos seguintes temas por grupo:

- O ser humano como animal racional.
- O ser humano como conhecedor do mundo.
- O ser humano como ser social e dotado de desejos.
- O ser humano como criatura de Deus.

Obs.: se o número de grupos for maior que o número de temas, dois grupos podem ficar com um mesmo tema a critério do Professor.

Etapa 4: Os alunos deverão relacionar estrofes ou frases da música com os temas sugeridos para o seu grupo. Finalizada a tarefa, cada grupo apresentará em voz alta os trechos selecionados para o tema, explicando o porquê da relação.

Etapa 5: Debate sobre os resultados apresentados pelos grupos, visando extrair dos alunos a sua visão pessoal e concepções prévias acerca de cada um dos temas.

Aspectos pedagógicos

Caro Professor, a presente atividade é um convite aos seus alunos para refletir o que é o ser humano em geral, seus sentimentos, conhecimentos, sua forma de vida, partindo do conhecimento prévio e intuitivo que a turma traz sobre o tema. Para extrair o máximo dessa atividade, não deixe de orientá-los em eventuais dúvidas acerca da letra da música.

Você pode aproveitar, também, a última estrofe da música para tornar mais clara a ideia de convite: “*Não tenha medo, meu menino povo, memória. Tudo principia na própria pessoa, beleza. Vai como a criança que não teme o tempo, mistério.*” Este trecho da letra pode ser apropriado para lembrar que a filosofia nada mais é que a tarefa de refletir sobre temas e perceber o que há por trás deles, fazendo com que a turma perca a inibição diante do desafio proposto no jogo.



Descobrimo o ser humano

Tipo de atividade:

Análise de texto literário.

Material necessário:

Cópia impressa do seguinte trecho do texto “O Homem Bicentenário”:

“Os olhos de DeLong se mostraram cautelosos.

- Meu caro Andrew, como você mesmo acaba de explicar, tanto os robôs como os homens te trataram como se você fosse humano. Em última análise, portanto, você já é..

- Em última análise não basta. Não só quero que me tratem como homem, mas que também seja juridicamente considerado como tal. Quero ser homem no sentido legal.

- Isso já é outra coisa - retrucou DeLong. - Aí já estamos entrando no terreno do preconceito humano e do fato incontestável que, por mais que pareça, você não é homem.

- Como que não sou? - reclamou Andrew. - Tenho aspecto de homem e órgãos equivalentes aos de um ser humano. Que, aliás, são idênticos aos de certas criaturas que têm de usar próteses. A minha contribuição artística, literária e científica para a cultura humana, tão importante quanto a de qualquer homem contemporâneo. Que mais se pode exigir? - Eu, pessoalmente, não exigiria mais nada.

O problema é que seria indispensável um ato da Legislatura Mundial para te definir como ser humano. E, para falar com franqueza, acho difícil que isso venha a acontecer

- Com quem eu poderia falar lá na Legislatura?

- Com o Presidente da Comissão de Ciência e Tecnologia, talvez.

- Você me arranja uma entrevista? - Mas não é preciso nenhum intermediário. Na posição em que você está, pode...

- Não. Eu quero que você se encarregue disso. - Andrew nem percebeu que estava dando uma ordem categórica a um ser humano, de tão acostumado a fazer isso que tinha ficado na Lua.

(...)

O Presidente da Comissão de Ciência e Tecnologia provinha da Ásia Oriental e era mulher. Chamava-se Chee Li-hsing e os trajes transparentes que usava – encobrimo o queria encobrir só pelo brilho - davam a impressão de que andava envolta em plástico.

- Eu compreendo que você queira ter todos os direitos humanos - disse ela. - A história também registra momentos em que populações inteiras lutaram para conquistar a plenitude dos direitos humanos. Mas quais são os que você acha que lhe faltam?

- Uma coisa bem simples, como, por exemplo, o meu direito à vida - afirmou Andrew. - Um robô pode ser destruído a qualquer hora.

- Com o homem acontece o mesmo.

- Sim, mas para que seja executado existem procedimentos legais. E para a minha destruição não há necessidade de processo nenhum. Basta uma ordem, dada por autoridade competente, e estou perdido. Depois... depois...



Andrew fez um esforço desesperado para não demonstrar qualquer sinal de que estivesse implorando alguma coisa, mas se deixou trair por esgares faciais - tão cuidadosamente programados quando foi feito - e pelo tom de voz.

- Na verdade, o que eu quero é ser homem. Venho sonhando com isso há seis gerações de seres humanos."

Isaac Asimov, "O Homem Bicentenário", trad. Milton Persson, in: O Homem Bicentenário e outras histórias, L&PM p. 115-157

Divisão da turma:

Atividade individual

Tempo estimado: 60 minutos

Descrição sucinta: Leitura de trechos selecionados do conto "O Homem Bicentenário" de Isaac Asimov, para, a partir de um debate, construir uma definição intuitiva de ser humano.

Aspectos operacionais

Etapa 1: Leitura do trecho o conto "O Homem Bicentenário" de Isaac Asimov.

Etapa 2: Debater com a turma as seguintes questões para serem refletidas a partir do trecho selecionado:

- O que torna o ser humano, humano? Ser biologicamente humano? Ter sentimentos, desejos? A posse de direitos civis? Ter inteligência?

- Anotar os resultados no quadro, tentando criar junto à turma uma definição intuitiva de ser humano.

Etapa 3: Anotar os resultados no quadro, tentando criar junto à turma uma definição intuitiva de ser humano.

Aspectos pedagógicos

Caro Professor, a presente atividade tem por objetivo trabalhar com os conhecimentos intuitivos dos alunos, a partir das questões sugeridas no texto e explicitadas por você. Para melhorar o desempenho da turma e ampliar o debate, você, professor, poderá consultar a turma sobre questões adicionais que eles notaram no texto e que não foram abordadas nas questões propostas para a atividade. O trecho mencionado possui, também, relação com a cidadania e direitos humanos que podem ser debatidos paralelamente.

Para enriquecer o debate sugerimos os seguintes links:

- Resenha das obras de Isaac Azimov

http://www.cienciamao.usp.br/tudo/exibir.php?midia=cfc&cod=_ohomembicentenario

- Link para o filme "O homem Bicentenário" completo:

<http://www.filmesonlinegratis.net/assistir-o-homem-bicentenario-dublado-online.html>

Seção 1 A explicação mitológica e o homem como ser racional entre os antigos

Páginas no material do aluno

267-271



Guia-me a só razão

Tipo de atividade:

Análise de texto literário.

Material necessário:

O seguinte poema impresso.

Guia-me a só a razão (Fernando Pessoa)

Guia-me a só a razão.

Não me deram mais guia.

Alumia-me em vão?

Só ela me alumia.

Tivesse quem criou

O mundo desejado

Que eu fosse outro que sou,

Ter-me-ia outro criado.

Deu-me olhos para ver.

Olho, vejo, acredito.

Como ousarei dizer:

«Cego, fora eu bendito» ?

Como olhar, a razão

Deus me deu, para ver



Para além da visão —
Olhar de conhecer.

Se ver é enganar-me,
Pensar um descaminho,
Não sei. Deus os quis dar-me
Por verdade e caminho.

(Fonte: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ph000003.pdf>)

Divisão da turma:
Turma dividida em pares

Tempo estimado: 50 minutos

Descrição sucinta: Leitura do poema de Fernando Pessoa “Guia-me só a Razão”, refletindo a respeito dessa dimensão do ser humano – a Razão – que nos diferencia dos demais seres existentes.

Aspectos operacionais

Distribuição de uma cópia do poema para cada par.

Aspectos pedagógicos

Caro Professor, sugerimos a leitura em conjunto do texto. Isso permitirá que você faça intervenções, ressaltando o tema tão bem abordado por Fernando Pessoa. Essa parte da dinâmica pode levar 15 minutos. Após a leitura, os pares devem fazer uma pequena discussão sobre o poema e sobre a dimensão racional dos seres humanos, a qual nos diferencia dos demais seres viventes. Sugerimos utilizar 15 minutos nessa etapa. Nos 20 minutos finais, abrir o debate para toda a turma para que todos possam expor os resultados das discussões em pares. Nesse momento, professor, você poderá fechar os principais conceitos da seção: corpo, alma, permanência, transitoriedade, consciência, razão, sensível, inteligível.

Sugerimos, também, a apresentação em data-show da seguinte imagem:

λόγος



O sentido filosófico do amor

Tipo de atividade:

Redação sobre texto filosófico

Material necessário:

Cópia impressa do seguinte fragmento do “O Banquete”, de Platão:

Fonte: MARCONDES, D. Textos básicos de filosofia: dos Pré-socráticos a Wittgenstein, Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

Texto de Filosofia: Platão – O Banquete – O amor.

“[...] É uma longa história, disse ela, mas mesmo assim vou lhe contar. Quando Afrodite nasceu, os deuses fizeram uma grande festa e entre os convivas estava Poros, o deus da Riqueza, filho do Engenho (Metis). No final do banquete, veio a Penúria (Penia) mendigar, como sempre faz quando há alegria, e ficou perto da porta. Então, embriagado de néctar – pois vinho não existia ainda –, Poros, o deus da Riqueza, entrou no jardim de Zeus e ali, vencido pelo torpor, adormeceu. Então Penúria, tão sem recurso, arquitetou o plano de ter um filho de Poros e, deitando-se ao seu lado, concebeu Amor. Assim sucedeu que desde o início Amor serviu e assistiu Afrodite, por ter sido gerado no dia em que ela nasceu e ser, além disso, por natureza, um amante do belo, e bela é Afrodite. Ora, como filho de Poros e da Penúria, Amor está numa situação peculiar. Primeiro, é sempre pobre e está longe da suavidade e beleza que muitos lhe supõem: ao contrário, é duro e seco, descalço e sem teto; sempre se deita no chão nu, sem lençol, e descansa nos degraus das portas ou à margem dos caminhos, ao ar livre; fiel à natureza da mãe, vive na penúria. Mas herdou do pai os esquemas de conquistas de tudo o que é belo e bom; porque é bravo, impetuoso, muito sensível, caçador emérito, sempre tramando alguma estratégia; desejo e capaz de sabedoria, a vida toda perseguindo a verdade; um mestre do malabarismo, do feitiço e do discurso envolvente. Nem imortal nem mortal de nascimento, no mesmíssimo dia está cheio de vida quando a sorte lhe sorri, para logo ficar moribundo e em seguida renascer de novo por força da natureza paterna: mas os recursos que obtém sempre se perdem; de modo da natureza paterna: mas os recursos que obtém sempre se perdem; de modo que Amor nunca é pobre ou rico e, além disso, está sempre a meio caminho da sabedoria e da ignorância. A questão é que nenhum deus persegue a sabedoria ou deseja tornar-se sábio, pois já o é; e ninguém mais que seja sábio persegue a sabedoria. Nem o ignorante persegue a sabedoria ou deseja ser sábio; nisso, aliás, a ignorância é conflagradora: estar satisfeita consigo mesma sem ser uma pessoa esclarecida nem inteligente. O homem que não se sente deficiente não deseja aquilo de que não sente deficiência.

Quem, então, Diotima, perguntei, são os seguidores da sabedoria, se não são nem os sábios sem os ignorantes?

Ora, a esta altura uma criança mesmo poderia dizer, replicou ela, que são as pessoas de tipo intermediário, entre as quais se inclui Amor. Porque a sabedoria diz respeito às coisas mais belas e Amor é o amor do belo; de modo que a necessidade de Amor tem que ser amiga da sabedoria e, como tal, deve situar-se entre o sábio e o ignorante. Pelo que, também, deve agradecer sua origem: pois se teve um pai sábio e rico, sua mãe é tola e pobre. Tal, meu bom Sócrates, é a natureza desse espírito. Que você tenha formado outro conceito de Amor não é surpreendente. Você supôs, a julgar por suas próprias palavras, que Amor fosse o amado e não o amante. O que o levou, imagino, a afirmar que o Amor é tão belo. O amável, com efeito, é realmente belo, suave, perfeito e abençoado; mas o amante é diferente, como mostra o relato que fiz.



Ao que observei: Então muito bem, senhora, tem razão. Mas se Amor é assim como descreve, que utilidade tem para o ser humano?

Essa é a questão seguinte, Sócrates, retrucou, que tentarei esclarecer. Se Amor é de natureza e origem tais como relatei, é também inspirado pelas coisas belas, como diz. Agora, suponha que alguém nos perguntasse: Sócrates e Diotima, em que sentido Amor é o amor do belo? Mas deixe-me colocar a questão de forma mais clara: o que é o amor do amante do belo? [...]

Nesses assuntos de amor até você, Sócrates, poderia eventualmente ser iniciado, mas não sei se entenderia os ritos e revelações dos quais eles não passam de intróito para os verdadeiramente instruídos para os verdadeiramente instruídos. No entanto, vou lhe falar deles, disse ela, e não pouparei os meus melhores esforços. Apenas faça o possível da sua parte para acompanhar. Aquele que bem procede nesse campo deve não somente começar por freqüentar belos corpos na juventude. Em primeiro lugar, de fato, se for bem orientado, deve amar um corpo em particular e engendrar uma bela conversa; mas sem seguida vai notar como a beleza desse ou daquele corpo é semelhante à de qualquer outro e que, se pretende buscar a idéia da beleza, é rematada tolice não encarar como uma só coisa a beleza que pertence a todos. Tendo percebido essa verdade, deve tornar-se amante de todos os belos corpos e arrefecer o seu sentimento por um único, desprezando isso como uma bobagem. Seu próximo passo será dar um valor maior à beleza das almas do que à do corpo, de forma que, por menor que seja a graça de qualquer alma promissora, bastará para o seu amor e cuidado e para despertar e pedir um discurso que sirva à formação dos jovens. E por último pode ser levado a contemplar o belo que existe em nossos costumes e leis e observar que tudo isso tem afinidade, assim concluindo que a beleza do corpo é questão menor. Dos costumes pode passar aos ramos do conhecimento e aí também encontrar uma província da beleza. Vendo assim a beleza no geral, poderá escapar da mesquinha e miúda escravidão de um único exemplo em que concentre como um servo todo o seu cuidado, como a beleza de um jovem, de um homem ou de uma prática. Dessa forma voltando-se para o oceano maior da beleza, pode pela contemplação despertar em todo o seu esplendor muitos e belos frutos do discurso e da meditação, numa rica colheita filosófica; até que, com a força e ascensão assim obtidas, vislumbra o conhecimento específico de uma beleza ainda não revelada. E agora peço preste a maior atenção, disse ela.

Quando um homem foi assim instruído no conhecimento do amor, passando em

revista coisas belas uma após outra, numa ascensão gradual e segura, de repente terá a revelação, ao se aproximar do fim de suas investigações do amor, de uma visão maravilhosa, bela por natureza; e esse, Sócrates, é o objetivo final de todo o afã anterior. Antes de mais nada, ela é eterna e nunca nasce ou morre, envelhece ou diminui; depois, não é parcialmente bela e parcialmente feia, nem é assim num momento e assado em outro, nem em certos aspectos bela e em outros feia, nem afetada pela posição de modo a parecer bela para alguns e feia para outros. Nem achará o nosso iniciado essa beleza na aparência de um rosto ou de mãos ou de qualquer outra parte do corpo, nem numa descrição específica ou num determinado conhecimento, nem existente em algum lugar em outra substância, seja um animal, a terra, o céu ou outra coisa qualquer, mas existente sempre de forma singular, independente, por si mesma, enquanto toda a multiplicidade de coisas dela participam de tal modo que, embora todas nasçam e morram, ela não aumenta nem diminui e não é afetada por coisa alguma. Assim, quando um homem, pelo método correto do amor dos jovens, ascende desses particulares e começa a divisar aquela beleza, é quase capaz de captar o segredo final. Essa é a abordagem ou indução correta dos assuntos do amor. Começando pelas belezas óbvias, ele deve, pelo bem da mais elevada beleza, ascender sempre, como nos degraus de uma escada, do primeiro para o segundo e daí para todos os corpos belos; da beleza pessoal chega aos belos costumes, dos costumes ao belo aprendido e do aprendido, por fim, àquele estudo particular que se ocupa da própria beleza e apenas dela; de forma que finalmente vem a conhecer a essência mesma da beleza. Nessa condição de



vida acima de todas as outras, meu caro Sócrates, disse a mulher de Mantinéia, um homem percebe realmente que vale a pena viver ao contemplar a beleza essencial. Esta, uma vez contemplada, superará em brilho o seu ouro e as suas vestes, os seus belos rapazes e garotos cuja aparência agora tanto o perturba e o torna disposto, como muitos outros à simples visão e companhia dos seus favoritos, a passar mesmo sem comida e bebida, se isso fosse de algum modo possível, apenas para poder olhá-los e desfrutar de sua presença. Mas diga-me o que aconteceria se um de vocês tivesse a sorte de contemplar a beleza essencial inteira, pura e genuína, não contaminada pela carne e a cor da humanidade e todo esse refugio mortal. E se pudessem divisar a própria beleza divina em sua forma única? Acha que é uma vida lamentável para um homem – ver as coisas dessa maneira, adquirir essa visão pelos meios adequados e tê-la sempre consigo? Apenas considere, disse ela, que isso fará somente com que, ao ver a beleza através daquilo que a torna visível, não alimente ilusões mas exemplos de virtude, porquanto seu contato não é com ilusão mas com a verdade. Assim, quando adquirir uma verdadeira virtude e desenvolvê-la, estará destinado a conquistar a amizade do Céu. Este, acima de todos, é um homem imortal.

Foi isso, Fedro e demais companheiros, o que Diotima me disse e do que estou convencido; e tento, de minha parte, persuadir os vizinhos de que para alcançar essa visão a melhor ajuda que a natureza humana pode arrastar é do Amor. Por isso digo-lhes agora que todo homem deve reverenciar o Amor, como eu de minha parte reverencio com especial devoção todas as questões do amor e exorto todos os outros homens a fazer o mesmo. Agora e sempre glorifico ao máximo o poder e o valor do Amor. Assim eu lhe peço, Fedro, que tenha a bondade de considerar este relato em elogio do Amor ou chame-o como melhor lhe aprouver. [...]"

Divisão da turma:

A atividade pode ser realizada individualmente ou em pares.

Tempo estimado: 90 minutos

Descrição sucinta: Leitura do fragmento selecionado de "O Banquete", de Platão, seguida de redação sobre o tema "De que maneira o amor nos faz passar do sensível ao inteligível, segundo Platão?".

Aspectos operacionais

Organização da turma, distribuição do texto e de folha para a redação.

Aspectos pedagógicos

Caro Professor, sugerimos a leitura em conjunto do texto. (NC1) Isso permitirá que você faça intervenções, ressaltando os principais pontos da seção. O texto nos parece exemplar, pois Platão fala do amor como desejo (de sabedoria, de imortalidade, de beleza) e como processo de elevação da alma em busca de perfeição. O fragmento sugerido nos permite demonstrar aos alunos como, nesse momento da Grécia Clássica, a Razão assume a posição de guia para a verdade. Suge-

rimos que a leitura e exposição dos principais pontos leve 40 minutos.

Em seguida, solicitar aos alunos que façam uma redação sobre o seguinte tema: “De que maneira, segundo Platão, o amor nos faz passar do sensível ao inteligível?”. Sugerimos 10 minutos para a explicação sobre a redação e 40 minutos para a elaboração.

Sugerimos, também, a exibição em data-show da obra de arte “Eros e Afrodite”:



Seção 2

razão, a imagem e semelhança de deus

Páginas no material do aluno

271-275



Razão: a imagem e semelhança de Deus

Tipo de atividade:

Análise de texto filosófico

Material necessário:

Trecho do texto, a seguir, impresso:

“Importa saber, em primeiro lugar – como aliás é claro e manifesto – que o homem tem em si duas espécies de natureza: corpo e espírito. Por isso diz um escrito: Quem se conhece a si mesmo, conhece todas as criaturas, pois todas as criaturas são ou corpo ou espírito. E a escritura diz do homem que há em nós um homem exterior e um outro, o homem interior.

Ao homem exterior pertence tudo aquilo que se prende à alma, e, contudo está revestido de carne e misturado com ela e (por isso) opera juntamente com e em cada órgão corporal, com o olho, por exemplo, ou com o ouvido, a língua, a mão, etc. A isso tudo a escritura chama de homem velho, homem terreno, homem exterior, homem inimigo, homem servil.

O outro homem que há em nós é o homem interior; e este, a escritura chama homem novo, homem celeste, homem jovem, amigo e homem nobre.(...)

O homem interior é Adão. O homem na alma é a árvore boa a que se refere Nosso Senhor (c.f.Mt 7,17) e que sempre e sem cessar produz fruto bom. Outrossim, ele é o campo em que Deus implantou a sua imagem e semelhança e onde semeia a boa semente, raiz de toda sabedoria, de todas as artes, de todas as virtudes, de toda bondade: a semente de natureza divina (2Pd 1,4). Semente de natureza divina é o Filho de Deus, a Palavra de Deus (Lc 8,11). (...)

Da nobreza do homem interior e da desvalia do homem exterior, de carne, dizem também os mestres gentios Túlio e Sêneca: Alma alguma dotada de razão é sem Deus; a semente de Deus está em nós. Tivesse ela um cultor bom, sábio e diligente, tanto melhor medraria e cresceria para Deus de quem é semente, e seu fruto tornar-se-ia igual à natureza de Deus.”

O homem nobre, trad.: Raimundo Vier, O.F.M., in: “O livro da divina consolação e outros textos seletos”, Mestre Eckhart, Ed. Vozes, 1991.

Divisão da turma:

Atividade individual

Tempo estimado: 40 minutos

Descrição sucinta: Leitura e debate sobre fragmentos de texto do Mestre Eckhart (séc.XIII).

Aspectos operacionais

Etapa 1: Leitura em voz alta do texto.

Etapa 2 – Propor as seguintes questões para debate:

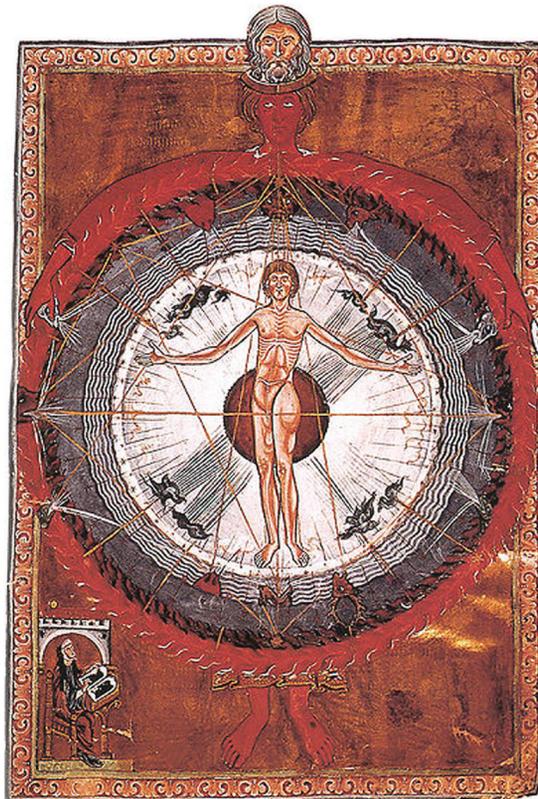
- Qual parte do homem é a imagem e semelhança de Deus?
- Para o homem aproximar-se de Deus é necessário usar o corpo ou a Razão?

Aspectos pedagógicos

Caro Professor, as questões propostas são para incentivar o debate entre a turma. Durante o debate procure realçar os seguintes aspectos do texto: o homem como criatura divina, a mente como parcela divina do homem. Esse direcionamento será importante para discutir, posteriormente, a primazia da Razão que será trabalhada na seção seguinte.

Indicamos, também, para auxiliar sua exposição a exibição da obra “O livro das obras divinas” de Hildegard von Bingen disponível no link:

http://en.wikipedia.org/wiki/File:Hildegard_von_Bingen_Liber_Divinatorum_Operum.jpg





Razão, a máxima perfeição humano

Tipo de atividade: Análise de texto filosófico

Material/Recurso necessário: Trecho do texto, a seguir, impresso:

(...) há duas ordens de verdades referentes às realidades divinas inteligíveis: uma, a das verdades possíveis de serem investigadas pela razão humana; outra, a daquelas que estão acima de todas as capacidades desta razão. Ambas, no entanto, são convenientemente propostas por Deus aos homens para serem acreditadas.

Como o trabalho especulativo de toda filosofia dirige-se para o conhecimento de Deus, a metafísica – que tem por objeto as verdades divinas – deve ser a última parte da filosofia a ser conhecida.

Sendo assim, não se pode chegar – senão com grande esforço especulativo – à investigação das verdades supramencionadas. No entanto, poucos desejam dar-se a este trabalho por amor a ciência, apesar de ter Deus inserido na mente humana o desejo natural de conhecer aquelas verdades. (...)

Por isso o gênero humano permaneceria nas maiores trevas de ignorância se apenas a via da razão lhe fosse aberta para o conhecimento de Deus. Visto que poucos homens, e somente após longo tempo, chegariam a este conhecimento, que os faz ao máximo perfeitos e bom.

(Sto. Tomás de Aquino, Suma contra os Gêntios, Livro I, Cap. IV).

Divisão da turma: Atividade individual

Tempo estimado: 40 minutos

Descrição sucinta: Leitura e debate sobre fragmentos de texto do Cap. IV da Suma Contra os Gêntios de Sto. Tomás de Aquino.

Aspectos operacionais

Leitura em voz alta do texto.

Aspectos pedagógicos

Caro professor, o objetivo da presente atividade é demonstrar a diferença entre conhecer Deus pela fé e conhecê-lo pela Razão. Na concepção de Sto. Tomás, o conhecimento de Deus pela Razão (ciência) é o que o torna mais perfeito, realiza melhor a sua natureza. Outra via de debate é mostrar como a Razão e a capacidade de conhecer, no

período, são consideradas formas de melhor servir aos propósitos divinos, isto é, a Razão como serva da fé.

Indicamos, também, para auxiliar o debate sobre a razão como a máxima perfeição humana que pode nos conduzir para o conhecimento das coisas divinas, a apresentação da obra “Disputa sobre o santíssimo sacramento” de Rafael em Data show:



Seção 3

0 homem moderno: centro do universo

Páginas no material do aluno

276-281



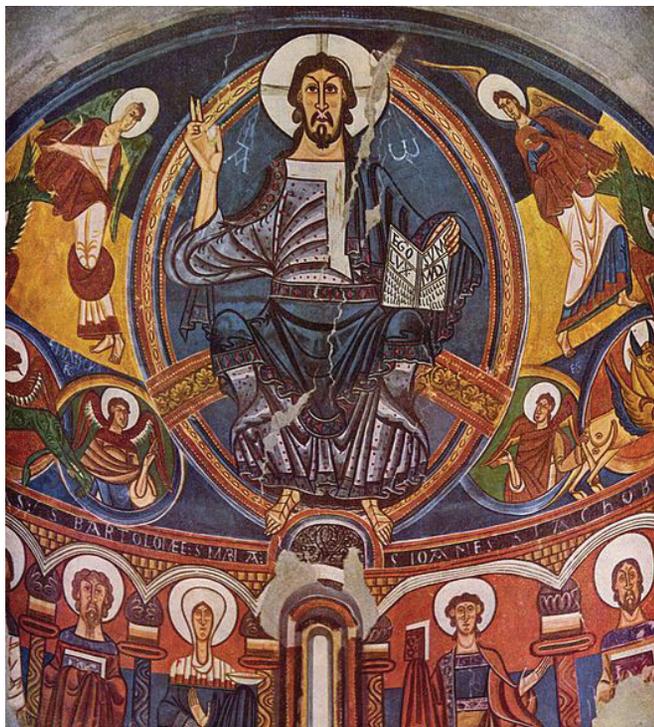
Interpretando imagens

Tipo de atividade:

Análise de imagens

Material necessário: exibição em Data-show das seguintes imagens:

Cristo Pantocrator:





A Criação de Adão(Michelangelo; Vaticano – séc.XVI)



Divisão da turma: Turma dividida em grupos de no máximo 5 alunos

Tempo estimado: 30 minutos

Descrição sucinta: Comparar as imagens "Christus Pantocrator" e "A Criação de Adão", ilustrativas acerca da "imagem de mundo" medieval e moderna, respectivamente.

Aspectos operacionais

Cada grupo deverá comparar as duas imagens e listar-lhes as diferenças; a partir da lista de diferenças, procurar esboçar a "imagem de mundo" da Idade Média e da Modernidade, pontuando suas principais oposições; um representante de cada grupo deve ler um pequeno texto produzido com este teor.

Aspectos pedagógicos

Para que os alunos tirem o máximo proveito da atividade aconselhamos que se demonstre que as obras de arte de cada época carregam, assim como os textos e outros documentos, um potencial de compreensão do conjunto de valores, impressões e juízos do período em que foram criados. Espera-se que os alunos sejam capazes de, por princípio de analogia sensível, apreender o inteligível conceitual do teocentrismo e antropocentrismo, que nortearam os artistas em cada uma das imagens. É recomendável que se estimule a participação de cada integrante dos grupos no levantamento das características atináveis de cada imagem.



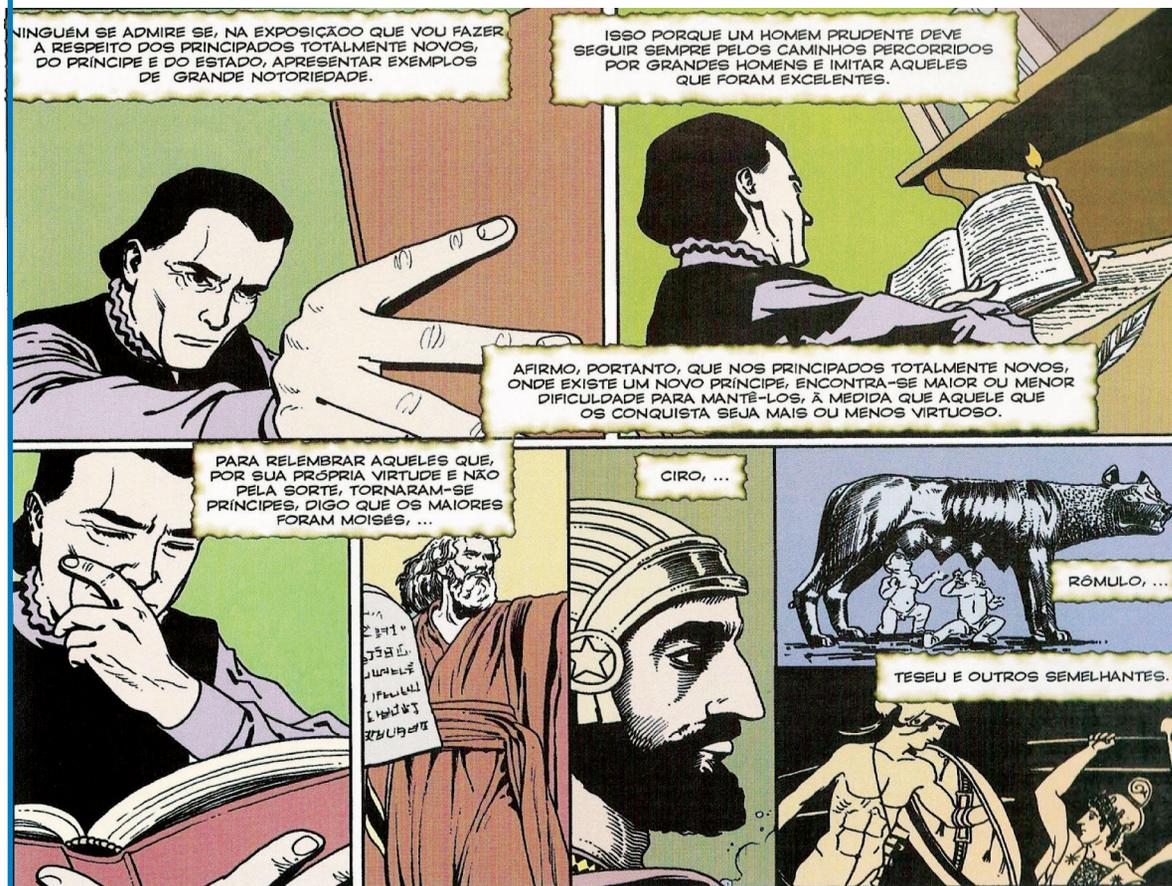
A política empírica da modernidade

Tipo de atividade:

Análise de quadrinhos

Material necessário:

- Cópia impressa do seguinte quadrinho:



MAQUIAVEL, N. (Texto) BRANDÃO, D. (Arte). *O Príncipe em quadrinhos*. Col.: Filosofia em quadrinhos, São Paulo: Editora Escala Educacional, 2004, p. 16.



-Cópia impressa do seguinte texto:



[O exame político realizado por Maquiavel] que se pretende puramente empírico depende, contudo, de duas coordenadas teóricas básicas: uma filosofia da História e uma explicação da psicologia humana. A primeira concebe o fenômeno histórico não como a ideia cristã, segundo a qual o desenrolar dos fatos humanos no tempo cumpre desígnios divinos, dirigindo-se linearmente para o juízo final, mas como constituído por ciclos, que se renovam em movimentos de revolução em torno de si mesmos. Os fatos históricos repetem-se nas linhas mestras; conhecê-los é apossar-se de um material de recorrência, essencial para o estudo do presente. Tal concepção do acontecer histórico complementa-se com uma compreensão da psicologia humana. Maquiavel conclui, através do estudo dos antigos e da intimidade com os potentados da época, que os homens são todos egoístas e ambiciosos, só recuando da prática do mal quando coagidos pela força da lei. Os desejos e as paixões seriam os mesmos em todas as cidades e em todos os povos.

(MARTINS, Carlos E., Maquiavel - vida e obra. In: MAQUIAVEL, N., *O príncipe e outros escritos*, col.: Os pensadores, São Paulo: Editora Nova Cultural, 2004, pp. 16 – 17.)



Divisão da turma:

Atividade individual

Tempo estimado: 40 minutos

Descrição sucinta: Ler o trecho do quadrinho com texto da obra "O príncipe", de Maquiavel, e a citação de uma biografia filosófica sobre o autor, com o objetivo de relacioná-los.

Aspectos operacionais

Cada aluno, individualmente, empreende a leitura de um trecho dos quadrinhos dedicados à obra *O príncipe*, de Maquiavel e de uma citação da biografia filosófica contemporânea, acerca do autor moderno. Cada aluno deverá produzir um pequeno texto relacionando os quadrinhos com a biografia.

Aspectos pedagógicos

Para que os alunos tirem o máximo proveito desta atividade, é importante que esteja clara a importância do pensamento político maquiavélico para o período moderno, assim como o diferencial deste pensamento relativamente aqueles dos períodos antigo e medieval. Espera-se que as respostas dos alunos orbitem em torno de uma

caracterização de política e poder seculares, transitórios e livres do apanágio teológico, que marcava as concepções políticas de outrora, assim como de uma compreensão da política maquiavélica e moderna como marcada pela análise empírica.

Seção 4 O homem contemporâneo: ser social e de desejos

Páginas no material do aluno

282-285



Troca de papéis

Tipo de atividade:

Dinâmica intersubjetiva envolvendo toda a turma.

Material necessário:

Papel e canetas coloridas

Divisão da turma:

Atividade individual

Tempo estimado: 30 minutos

Descrição sucinta: Propor uma descrição sobre a visão de mundo do estudante, suas aspirações e desejos, e levá-lo ao questionamento de que sua condição não é natural, mas que é decorrente das suas experiências, sejam essas histórico-sociais (Marx), sejam essas afetivas (Freud).

Aspectos operacionais

Com papéis e canetas, os estudantes deverão registrar aquilo que consideram ser o mais importante na vida deles com base nas suas experiências históricas, econômicas e sociais, além de listarem três desejos. Sem registrar os nomes, esses papéis são devolvidos ao Professor que troca-os entre os estudantes, pedindo a esses que tentem descrever o modo de vida dessa pessoa (como foi a sua infância, as condições econômicas e sociais da sua família, etc.) Após isso, o Professor sugere um debate sobre a relação entre as aspirações de cada um com as possíveis causas sociais que teria influenciado essas aspirações.

Aspectos pedagógicos

O Professor poderá intervir propondo ao estudante sugestões e questionamentos que o levem a refletir sobre a sua própria visão de mundo, seus valores, sua relação para consigo mesmo, com seus desejos e suas necessidades, e comparar com os desejos e necessidades dos outros. Poderá instigar a turma a pensar coletivamente sobre o que pode ser mais importante a nível coletivo, sobre as propostas de transformações, etc.

Sugerimos, também, como opção adicional que pode ajudar a sensibilizar os alunos em relação à questão proposta o seguinte vídeo: <http://vimeo.com/66342396v>.



Mosaico de mim e de nós

Tipo de atividade:

Atividade intersubjetiva

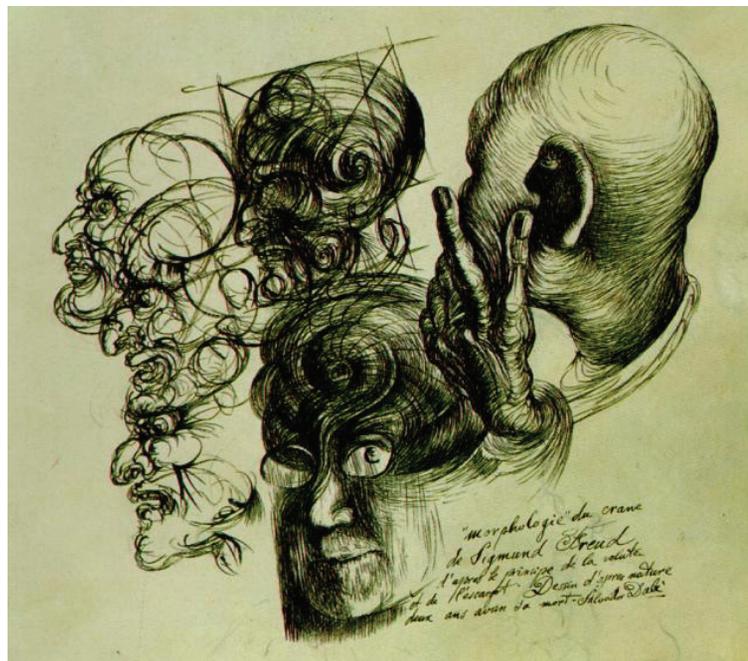
Material necessário:

Cartões impressos com as imagens a seguir:









**Divisão da turma:**

Grupos de 5

Tempo estimado: 30 minutos**Descrição sucinta:** Elaboração de um mosaico a partir de cartões, fotografias, imagens, no qual os estudantes são levados a refletir sobre o sentido histórico-social que influenciou a cada um ser quem é: suas experiências, vivências, etc.

Aspectos operacionais

A atividade consiste em fazer os estudantes montarem um mosaico de suas próprias vidas a partir da elaboração de um mural com cartões que tenham diversas imagens, fotos, pinturas, etc., nos quais os estudantes tenham conseguido identificar algo de sua vida, algo pelo qual tenham passado em suas infâncias e que tenha marcado a vida de cada um, ou que tenha influenciado no modo como eles se veem a si mesmos, no modo como se relacionam com seus desejos e se relacionam com os outros. Após essa montagem, solicita-se aos mesmos que digam em poucas palavras o que representa cada cartão ou imagem escolhida no mosaico, na tentativa de esboçar um retrato de si mesmo a partir de suas experiências passadas.

Aspectos pedagógicos

Você pode estimular os estudantes à reflexão sobre o sentido da autoconstrução pessoal de cada um com os demais, intervindo para que eles reflitam sobre o processo afetivo que constituiu a maneira de cada um ser quem é, de suas possibilidade de aceitação e/ou superação, e do modo como eles veem suas aspirações e seus desejos. Você pode utilizar como sugestão de debate a seguinte frase de Sartre: “Não importa o que fizeram com a gente, importa é o que nós vamos fazer com aquilo que fizeram com a gente”.

Avaliação



identificação e relação

Tipo de atividade: Atividades de avaliação

Material necessário: Trecho da letra da música impressa “Quando Eu Quero Falar Com Deus” de Roberto Carlos.

“Quando eu quero falar com Deus, eu apenas falo
Quando eu quero falar com Deus, às vezes me calo
E elevo o meu pensamento, peço ajuda no meu sofrimento
Ele é pai, ele escuta o que pede o meu coração
Quantas vezes falando com Deus, desabafo e choro
E alívio pro meu coração eu a Ele imploro...”



Divisão da turma: Atividade individual.

Tempo estimado: 50 minutos

Descrição sucinta: Propõe-se a cada estudante fazer uma relação entre o que foi visto na Unidade com a letra da música: “Quando Eu Quero Falar Com Deus” (Roberto Carlos).

Aspectos operacionais:

Ao distribuir a letra de música, o professor poderá propor uma leitura conjunta. Depois o aluno deve ser deixado para desenvolver suas reflexões sozinho.

Espera-se que o aluno consiga identificar pelo menos duas das concepções apresentadas na unidade sobre o ser humano e relacioná-las aos textos da mesma.

Essa relação será em forma de identificação direta complementada por uma redação curta de até 20 linhas que justifique a identificação realizada. O professor deve distribuir os textos e papel em branco para a concepção da resposta.

Aspectos pedagógicos

Ao realizar essa identificação espera-se que o estudante fixe ainda mais os conceitos apresentados.



Receita para se fazer um herói.

Tipo de atividade: Identificação e relação.

Material necessário: Trecho da letra da música impressa “Receita Para Se Fazer Um Herói”, da banda Ira!.

“Toma-se um homem
Feito de nada como nós
Em tamanho natural(...)
Embebe-se lhe a carne
De um jeito irracional
Como a fome e como o ódio(...)”





Divisão da turma: Atividade individual.

Tempo estimado: 50 minutos

Descrição sucinta: Propõe-se a cada estudante fazer uma relação entre os textos apresentados com a letra da música “Receita Para Se Fazer Um Herói” (Ira!).

Aspectos operacionais

Ao distribuir os textos para leitura o professor poderá propor uma leitura conjunta, depois o aluno deverá ser deixado sozinho, para desenvolver suas reflexões.

O professor deve distribuir os textos e papel em branco para a concepção da resposta.

Aspectos pedagógicos

Ao ler a letra da música “Receita Para Se Fazer Um Herói”, espera-se que o aluno consiga identificar pelo menos duas das concepções apresentadas na unidade sobre o ser humano e relacioná-las aos textos da mesma. Nesta música, esperamos que ele identifique a ideia contemporânea de que nem Deus nem o homem são mais centros do mundo, que o homem sofre determinações e influências de seu meio e de seu inconsciente, que conduzem sua vida até o momento de sua morte. Ao identificar essas concepções espera-se que o aluno apresente um pequeno texto explicitando essa relação.

Sugerimos, também, como alternativa a exibição e debate sobre o curta-metragem “Meow”, disponível no link: http://portacurtas.org.br/curtanaescola/pop_160.asp?cod=811&Exib=5513

